

Processos de Assimilação Envolvendo as Consoantes Oclusivas Dentais /t, d/ no Português Brasileiro

PROCESSES OF ASSIMILATION INVOLVING DENTAL STOP CONSOANTS /t, d/
IN BRASILIAN PORTUGUESE

Dermeval da **HORA** *

Pedro Felipe de Lima **HENRIQUE** **

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é apresentar, com base na sociolinguística quantitativa, uma análise do processo de assimilação que envolve as oclusivas dentais/alveolares /t, d/. De início, será apresentada uma visão geral da assimilação regressiva, já bastante estudada no Português Brasileiro (PB) e, em seguida, serão analisados contextos de assimilação progressiva na comunidade de fala de Itabaiana – Paraíba. O que motiva essa última análise é o fato de, no dialeto itabaiano, o processo de assimilação progressiva, como em *muito* e *gosto*, sob influência do contexto fonológico precedente, ser mais produtivo do que o processo de assimilação regressiva, como em *pote* e *bote*, mais geral, quando se pensa no PB. A abordagem teórico-metodológica que serve como pano de fundo para a pesquisa é a teoria da variação, ou sociolinguística quantitativa, William Labov (1966, 1972). Os dados coletados e a serem analisados fazem parte do Projeto Variação Linguística da Paraíba – VALPB. A amostra é constituída de 36 informantes da comunidade, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização. Como resultados favoráveis à aplicação da regra de

* Pós-doutor pela Universidade Livre de Amsterdam. Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, e Coordenador da Área de Letras e Linguística da CAPES. Contato: ho_ra@hotmail.com.

** Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa. Contato: pedrofelipelh@hotmail.com.

palatalização, o Programa Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) selecionou os seguintes fatores: sexo (masculino), escolaridade (nenhuma escolaridade), contexto fonológico seguinte (vogal posterior alta), contexto fonológico precedente (monotongo) e tonicidade (sílabas postônicas).

Palavras-chave: Palatalização das oclusivas dentais. Variação linguística. Assimilação regressiva. Assimilação progressiva.

Abstract: The major aim of this paper is to present, based on quantitative sociolinguistics, a analyse of the process of progressive assimilation that involve the dental stop consonants. First of all, one overview about the regressive assimilation, which was extensively studied in Brazilian Portuguese, will be present. Then, the contexts of progressive assimilation in the speech community of Itabaiana-PB will be analyzed. The motivation for this paper is the fact that, in the dialect from Itabaiana, the process of progressive assimilation, in words such as *muito* ‘many/much’ and *gosto* ‘like’, in which the preceding phonological context exerts influence over the following one, tend to undergo the process of regressive assimilation, such as as *pote* ‘pot’ and *bote* ‘boat’, more useful when we think about the Brazilian Portuguese. The theoretical approach underlying the research is the variation theory, or quantitative Sociolinguistics, pioneered by William Labov (1972). The data collected had already been electronically stored in the corpus from Projeto Variação Linguística da Paraíba – VALPB. The sample consists of 36 informants from the community, being stratified according to gender, age group and years of schooling. As result, the computer program Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) pointed as favorite to the application of the rule: the gender (male gender), the level of schooling (no scholar historic since the primary), the following phonological context (high back vowel), the precedent phonological context (monophthong), and the tonicity (post-stressed syllable).

Keywords: Palatalization of dental stops consonants. Linguistic variation. Progressive assimilation.

Introdução

Estudos descritivos realizados sobre o Português Brasileiro (PB) têm servido de base para inúmeras análises, principalmente em nível fonológico. Muitas dessas análises têm sido realizadas em diferentes regiões, a exemplo do que se fez com as vogais médias pretônicas, que já foram objeto de estudos por Leda Bisol, no Rio Grande do Sul; Maria do Carmo Viegas, em Minas Gerais; Myriam Barbosa da Silva, na Bahia; Regina Celi M. Pereira, na Paraíba, etc. Aliados aos segmentos estão os processos que contribuem para que as mudanças sejam desencadeadas.

Neste artigo, o interesse é o processo de assimilação que envolve as consoantes oclusivas dentais/alveolares /t, d/. Tal assimilação, envolvendo essas consoantes, pode se dar em duas direções: (a) da direita para a esquerda, como em “pote” e “bote”, a que se denomina assimilação regressiva; (b) da esquerda para a direita, como em “muito” e “gosto”, também denominada de assimilação progressiva.

Do que se conhece acerca do Português Brasileiro, o primeiro processo é bastante comum e, por isso mesmo, amplamente estudado; já o segundo é muito mais específico de alguns dialetos ou falares do PB.

O objetivo geral deste trabalho é, com base na sociolinguística quantitativa, apresentar uma análise do processo de assimilação que envolve as oclusivas dentais alveolares /t, d/. De início, apresentar uma visão geral da assimilação regressiva, já bastante estudada no PB e, em seguida, analisar contextos de assimilação progressiva na comunidade de fala de Itabaiana, Paraíba. O que motiva essa última análise é o fato de, no dialeto itabaiano, o processo de assimilação progressiva, como em “muito” e “gosto”, sob influência do contexto fonológico precedente, ser mais produtivo que o processo de assimilação regressiva, como “pote” e “bote”, mais geral, quando se pensa no Português Brasileiro. Dessa forma, a assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte, está mais presente no dialeto pessoense do que a regressiva, em que o contexto fonológico posterior é responsável pelo processo.

Como objetivos específicos, tem-se: traçar o perfil linguístico da comunidade de Itabaiana, considerando como variável dependente a palatalização das oclusivas dentais; identificar quais as restrições sociais e

linguísticas que favorecem as variantes selecionadas; aplicar o modelo arbóreo laboviano às entrevistas, considerando o estilo intrafalante.

A abordagem teórica que serve como base para a análise é a teoria da variação ou sociolinguística quantitativa (LABOV, 1972). Este modelo enxerga a língua como um fenômeno social e cultural com variações que podem ser mensuradas e sistematizadas, a partir de um levantamento estatístico de ocorrências das variáveis na fala dos indivíduos da comunidade. Ele opera com números e trata os dados estatisticamente, com o intuito de simplificar a obtenção da quantificação sobre o papel dos fatores condicionadores de aplicação da regra variável e torná-la mais precisa. Dessa forma, o modelo laboviano permite que se compreendam as estruturas variantes existentes em uma língua e que se observem os mecanismos que regem as variações e a mudança linguística.

Os dados coletados já estavam armazenados eletronicamente no corpus do Projeto Variação Linguística da Paraíba (VALPB)¹. A amostra é constituída de 36 informantes da comunidade de Itabaiana, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização, variáveis sociais selecionadas para a análise. Além delas, foram controladas as variáveis linguísticas: contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade, número de sílabas, categoria gramatical e tipo de consoante. Para a análise dos dados, após sua transcrição e codificação, foi utilizado o Programa Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), cuja lógica operacional se apoia na proposta metodológica da sociolinguística variacionista. Probabilisticamente, ele nos mostra, a partir da frequência de uso e do peso relativo, como as diferentes variantes se situam na comunidade em pauta.

O texto está assim estruturado: na seção 1, será feita uma revisão da teoria da variação e suas contribuições sobre o entendimento dos fenômenos variáveis e mudança linguística; na seção 2, o processo de palatalização das oclusivas dentais será apresentado com destaque para os trabalhos de Bisol (1985) e Hora (1990); na seção 3, serão analisadas as consoantes oclusivas dentais/alveolares no contexto de assimilação progressiva e também será

¹ O Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) teve início em 1993, e é coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval da Hora. Disponível em: <projetovalpb.com.br>.

exposta a metodologia da pesquisa realizada; na seção 4 será realizada a análise dos dados e do comportamento sociolinguístico da variável palatalizada; e, na seção 5, uma avaliação acústica de um item lexical realizado com e sem a aplicação da regra.

1 A Teoria da Variação

As últimas décadas do século XX testemunharam um crescente interesse na pesquisa linguística pela noção de variação, uma noção que foi reconhecida, mas não explorada pelos dialectologistas pré-estruturalistas europeus, que reagiram ao rígido paradigma neogramático. O estruturalismo operou também com essa noção, principalmente ao tratar as oposições estruturais. O conceito também esteve fundamentalmente implicado no que se chamou “sincronia dinâmica”, acarretando uma necessária reavaliação da famosa dicotomia sincronia/diacronia de Saussure. Embora a variação linguística na sua gênese não tenha, por algum tempo, sido objeto de grandes polêmicas, ao começar a ser tratada do ponto de vista do contexto social tornou-se assunto de pesquisa e discussão, especialmente com referência à difusão lexical e à mudança em progresso.

A década de 1960 presenciou o aparecimento da primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança na língua, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Ao apresentar e discutir a proposta, os autores levantaram algumas questões, parcialmente ordenadas, que uma teoria de base empírica deveria dar conta. Tais questões dizem respeito às restrições, à transição, ao empréstimo e à avaliação. Respondendo essas questões, uma quinta questão básica surge, formulada como uma pergunta: que fatores são considerados na implementação de uma mudança? Por que as mudanças em um traço estrutural ocorrem em uma língua específica em um determinado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros tempos?

Para os autores citados, uma teoria de mudança deve lidar com o modo como uma estrutura linguística de uma comunidade é transformada no curso do tempo, de forma que, em algum sentido, tanto a língua como a comunidade permaneçam as mesmas, mas a língua adquira uma forma diferente.

A variação linguística, atualmente, ainda é de interesse exclusivo dos sociolinguistas, embora isto esteja rapidamente mudando. Outros campos da linguística e particularmente da linguística histórica têm-se beneficiado da aplicação sistemática da noção de variação. A variação, então, passa a ser vista não como algo aleatório, mas como o reflexo de subsistemas em competição e heterogeneidade estruturada.

Que a variação existe na língua é um fato óbvio. Segundo Chambers (1995, p. 13), quando as variantes atraíram a atenção dos linguistas, elas foram vistas ou como pertencendo a diferentes sistemas linguísticos coexistentes ou como estando em variação livre.

A noção de sistemas coexistentes estabelecia que os falantes mantinham fonologias separadas que lhes davam acesso a mais de um código, possibilitando-lhes mudar de um para outro. Tal noção traz certas implicações que a põem em dúvida, desde o início. Ela implica, por exemplo, que os falantes manteriam uma fonologia até que surgissem as circunstâncias para desencadear o segundo sistema. Misturar elementos dos dois sistemas, em princípio, não ocorreria. Acessar o segundo sistema não seria esporádico.

A ideia de variação livre traz em si uma forte implicação também. Se as variantes são verdadeiramente livres, ou seja, se a ocorrência de uma ou outra variante é arbitrária, então deve-se entender que as variantes não podem ser previstas. Em um dos primeiros estudos de variação, Fischer (1958) mostra que as variantes eram selecionadas com base em determinantes correlacionados à classe social, ao sexo e a outras variáveis independentes. Correlacionar a variável dependente a variáveis independentes como contexto linguístico, estilo ou categorias sociais é a principal tarefa empírica da sociolinguística.

Uma das mais significativas contribuições dos estudos sociolinguísticos nos últimos anos foi a descoberta de que vários dialetos sociais são diferenciados entre si não apenas por conjuntos discretos de traços, mas também pelas variações nas frequências com que certos traços ou regras ocorrem. Estudos de dialetos sociais têm claramente indicado que a diferenciação dos dialetos não pode ser indicada simplesmente por formulações categóricas. Não é mais possível, como tradicionalmente, indicar que algumas regras são obrigatórias e outras opcionais.

O fato de uma regra opcional específica aplicar-se em contexto (linguístico ou social) foi considerado irrelevante na formulação das regras

para uma determinada língua e dialeto. Se uma gramática observava que o grau de flutuação variava mais em certos contextos do que em outros, ele era descartado como informação incidental, isto é, não tinha relação com a formulação real da regra. O grau de opcionalidade não era considerado na descrição linguística da competência da língua. Estudos detalhados de variação, entretanto, têm indicado que há uma regularidade sistemática da variação. Em parte, essa regularidade pode ser atribuída a fatores sociais como idade, sexo, estilo, classe social etc. Mas também pode estar correlacionada a variáveis linguísticas independentes, a exemplo do contexto fonológico, da extensão do vocábulo, da tonicidade etc.

O estudo das variáveis linguísticas, mais do que as constantes categóricas, acrescenta uma nova dimensão ao exame das diferenças de fala. Os estudos iniciais indicam como os métodos quantitativos são utilizados e também como as correlações entre os padrões sociolinguísticos e sociais surgem. O valor particular de uma determinada variável linguística é visto como uma função de sua correlação com variáveis extralinguísticas e com as variáveis linguísticas independentes. A variável linguística, em si mesma, é uma abstração, é realizada na fala real por variantes, isto é, membros individuais que constituem a variável.

Enquanto a variação linguística não tem significado real em termos das representações formais de uma gramática, a regra variável é colocada como um aspecto formal da teoria linguística a ser considerado nas gramáticas da língua. Sua aceitação em nível teórico baseia-se em várias premissas.

O estabelecimento da regra variável é, antes de tudo, baseado na hipótese da variabilidade inerente. Por variabilidade inerente entende-se que a flutuação das variantes não pode ser desprezada como empréstimo dialetal ou mudança de código no repertório do falante. A flutuação é parte de um sistema unitário. A variação ocorre, mas os contextos linguísticos e sociais permanecem. Existem casos em que a mudança linguística torna-se estável, isto é, a variabilidade pode permanecer constante por muitas gerações. Nesse sentido, a variabilidade pode revelar uma estabilidade igual à de muitas regras categóricas. Nesses casos, dizer que a variabilidade é apenas uma indicação de mudança linguística em progresso parece ser uma generalização, como a de dizer que a língua está sempre mudando.

Existem aspectos das restrições variáveis que são específicos de uma dada comunidade. Em relação à universalidade das restrições, há dois aspectos a serem considerados: o efeito de previsibilidade e a ordem de previsibilidade. O efeito de previsibilidade diz respeito ao fato de que um tipo específico de contexto sempre terá um efeito particular ou variabilidade. A ordem de previsibilidade se refere à ordenação específica das restrições. Para que uma ordenação assim seja parte de uma teoria geral de regras opcionais, deve-se ser capaz de prever não só o efeito da restrição, mas também sua ordenação em relação às outras restrições. É muito possível que o efeito de previsibilidade derive de alguns princípios universais da metateoria da língua, mas que a ordem de previsibilidade seja de língua específica (WOLFRAM, 1974, p. 63-64).

A teoria da variação e a teoria categórica têm seus próprios domínios e formas de procedimento. A separação entre as duas, conforme Chambers (1995, p. 30), não parece ser bem entendida. Nas primeiras propostas para as regras variáveis, Labov (1972) e Wolfram e Fasold (1974) conceberam-nas como um refinamento das regras opcionais da teoria gerativa contemporânea. Para Cedergren e Sankoff (1974), a importância das regras variáveis pode ser apreciada de um certo ponto de vista paradigmático, o que constitui uma leve, mas distinta, mudança da teoria gerativa. Como sugestão desses autores fica, primeiro, ampliar a noção de competência; segundo, usar amostras de fala real como dados, em vez de basear-se apenas nas intuições.

Segundo Chambers (1995, p. 31), o axioma da categoricidade não é uma propriedade acidental da linguística categórica, mas uma propriedade essencial. Nos últimos anos, as regras têm sido descartadas pelos linguistas categóricos em favor de generalizações notacionais diferentes, a exemplo dos filtros, *templates* e princípios. Da mesma forma, a formalização das regras variáveis não tem sido mais discutida na linguística variacionista. Mas o programa estatístico que trata das regras variáveis não desapareceu com as regras. Ele continua sendo um dos procedimentos disponíveis para os pesquisadores correlacionarem variáveis dependentes e variáveis independentes.

2 As Oclusivas Dentais e o Processo de Assimilação Regressiva

A respeito das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/, Camara Jr. (1976, p. 56) afirma que, no PB, sob influência da vogal alta [i] ou do glide [y], essas consoante são palatalizadas, transformando-se nas africadas [tʃ] e [dʒ], como resultado de um processo de assimilação regressiva. Esse fenômeno é muito comum em grande parte das regiões do Brasil, e já foi objeto de estudo de vários pesquisadores, dentre eles Lopez (1979), que analisou o dialeto carioca; Bisol (1985), que trabalhou com os dados de fala coletados em comunidades gaúchas e, também no Rio Grande do Sul, outros trabalhos foram desenvolvidos mais recentemente, tais como: Almeida (2000), Paula (2006), Battisti et al. (2007) e Dutra (2007). Há, ainda, os estudos de Hora (1990), que analisou o fenômeno na comunidade de Alagoinhas (BA); Macedo (2004), que trabalhou com os dados da comunidade carioca, e Pagotto (2004), que pesquisou a comunidade de Florianópolis. Nesse trabalho serão focalizados os estudos de Bisol (1985) e Hora (1990), apresentando sua avaliação variacionista.

2.1 Análise de Bisol (1985)

O estudo de Bisol teve como objeto de análise a palatalização das oclusivas dentais na fala de “quatro grupos de indivíduos sócio-culturalmente diferenciados, representativos da variedade de Português falada no Rio Grande do Sul”. A amostra foi constituída de 15 falantes monolíngues de Porto Alegre, 15 da fronteira, 15 bilíngues da zona de colonização alemã e 15 da zona de colonização italiana. Todos eles de instrução primária. Além disso, uma amostra de controle foi constituída por 15 falantes de Porto Alegre; estes, porém, com nível de escolaridade superior.

A estratificação social se pautou nos seguintes fatores: idade, etnia, sexo e estilo. Enquanto fatores estruturais, foram controlados: vogal propulsora, sílaba, juntura, contexto precedente e contexto seguinte.

A metodologia utilizada consistiu “em segmentar o contexto em que a variação ocorre para descobrir subcategorias relevantes. O resultado esperado é um conjunto de restrições distribuídas hierarquicamente, conforme o papel que exercem, favorecendo mais ou menos a ocorrência da variação”

(BISOL, 1985, p. 5). Vale ressaltar que, nesse momento do estudo, ainda não estavam disponíveis o Goldvarb ou mesmo o Varbrul para PC.

Com o tratamento quantitativo, foram selecionados os seguintes fatores estruturais: contexto precedente e seguinte, sílaba e juntura; a etnia foi o único fator social selecionado. Em relação aos contextos precedente e seguinte, o estudo destacou o forte papel da consoante sibilante, criando alternâncias como: in[sti]tuto ~ in[stʃi]tuto, pare[dis] ~ pare[dʒis]. Quanto à sílaba, observou-se que a palatalização ocorre em sílabas fortes e fracas, mas obedece a seguinte hierarquia: tônica, pretônica e postônica, em exemplos como an[tʃi]go, [dʒi]lema e vin[tʃi], respectivamente. Em se tratando da juntura, é mais provável que seja preservada a oclusiva dental de início de vocábulo do que a da sílaba final. Ainda em relação à juntura, foi analisado o papel do prefixo e do clítico. Os prefixos de-, des- e dis- exercem a função de reter a palatalização. Diferentes desses, os clíticos “de” e “te” são sensíveis à regra.

No tocante à etnia, único fator social selecionado, Bisol acredita, a partir de seus resultados, que o dialeto gaúcho, por seu contato com línguas que não favorecem à palatalização, vem impedindo a expansão da regra.

Uma importante constatação do estudo desenvolvido por Bisol (1985) é que a palatalização das oclusivas dentais no dialeto gaúcho é uma regra que se aplica categoricamente em todos os contextos, exceto no contexto de sibilante.

2.2 Análise de Hora (1990)

O estudo desenvolvido por Hora (1990) teve como base para o corpus a comunidade de Alagoinhas (BA). Na estratificação social, foram controlados: a classe social, o sexo, a faixa etária e o estilo. Enquanto variáveis estruturais, foram controlados: contextos fonológicos seguinte e precedente, sonoridade, tonicidade, posição.

A metodologia utilizada foi a mesma de Bisol (1985), com a diferença de que, em 1990, já se podia contar com o Varbrul para PC, mas com os mesmos programas que eram responsáveis pelo tratamento quantitativo dos dados, resultando na seleção dos fatores mais significativos que condicionavam a aplicação ou não da regra de palatalização.

Na análise estatística foram selecionados cinco grupos de fatores, a saber: os contextos fonológicos seguinte e precedente, a tonicidade, a posição

e a sonoridade. Dois deles foram os mesmos selecionados no estudo de Bisol, o que demonstra que a aplicação da regra tem uma forte ligação com fatores estruturais.

Hora (1990) conclui, em sua análise, que o uso da palatalização, vista como regra geral, manifesta-se acentuadamente entre as classes sociais alta e média, na faixa etária entre 15 e 47 anos, independentemente do sexo, e ainda nos estilos considerados mais formais, a exemplo da leitura. Também conclui que a palatalização, por ser mais utilizada, nos estilos formais e por aqueles de maior poder aquisitivo e grau de escolaridade mais elevado, constitui a forma de prestígio.

Os dois estudos apresentados, um realizado no sul do Brasil, outro no nordeste, dão conta de um processo variável que se distribui por todo o país, sujeito, como se pôde verificar, a restrições sociais e estruturais.

Esse processo de palatalização, quando acontece, resulta de uma assimilação regressiva em que a vogal seguinte, uma alta anterior ou uma média anterior que sofre a regra de elevação, condiciona sua aplicação, como demonstram os exemplos em (1).

(1)

Contextos de vogal alta anterior	Contextos de vogal média anterior
[dĩ]tado ~ [dʒĩ]tado	po[te] > po[tĩ] ~ po[tʃĩ]
re[tĩ]ro ~ re[tʃĩ]ro	[de]stino > [dis]tino ~ [dʒis]tino
po[tĩ] ~ po[tʃĩ]	

3 As Oclusivas Dentais e o Processo de Assimilação Progressiva

Guardadas as diferenças relativas às comunidades ao perfil do informante estratificado, o que se percebe é que os condicionantes para aplicação da regra são bastante similares, principalmente quanto ao contexto fonológico seguinte, tendo na vogal anterior alta seu principal gatilho.

É de interesse neste artigo tratar de outro processo de palatalização envolvendo as oclusivas dentais, processo este que não é encontrado entre falantes do sul, mas frequente em comunidades do nordeste. É a palatalização resultante da assimilação progressiva, como em (2), em que a vogal que subsequente à oclusiva dental é uma vogal posterior.

(2)

[oit]o ~ [otʃ]o j[eit]o ~ j[etʃ]o l[eit]ura ~ l[etʃ]ura
d[oid]o ~ d[odʒ]o gos[t]o ~ go[ʃt]o

É deste processo, pois, que a análise a seguir procura dar conta. Este tipo de assimilação com exemplos em (2) tem demonstrado ser mais produtivo no nordeste brasileiro, e por ser tão específico, ainda carece de análises. Iniciar esse estudo pode contribuir para que outros sejam desencadeados.

3.1 O corpus linguístico

O corpus analisado nesta pesquisa foi o do Projeto Variação Linguística da Paraíba (VALPB – Fase II), implementado e coordenado por Dermeval da Hora em 2005, quando foi inserida a comunidade de Itabaiana². Este corpus é composto por cerca de 60 horas de gravações com falantes da comunidade linguística de Itabaiana. Para este estudo, foram selecionadas 36 entrevistas, estratificadas de acordo com as seguintes características:

Quadro 1 – Estratificação dos informantes

Sexo	Masculino	18 informantes
	Feminino	18 informantes
Faixa Etária	15 – 25 anos	12 informantes
	26 – 49 anos	12 informantes
	+ de 49 anos	12 informantes
Escolarização	Nenhum ano	12 informantes
	5 – 8 anos	12 informantes
	+ de 11 anos	12 informantes

² Para saber mais sobre o município de Itabaiana, conferir a página no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://migre.me/qGAVz>>. Acesso em: 29 out. 2014.

Na constituição do corpus, os informantes selecionados deveriam ser naturais de Itabaiana ou morarem na comunidade desde os cinco anos de idade e nunca ter saído por mais de dois anos. Os informantes que preencheram esse critério foram selecionados aleatoriamente.

3.2 Definição das variáveis

As variáveis para a análise da palatalização em contextos não anteriores a [i, y] (e.g. gosto, muito) foram selecionadas a partir dos postulados de Labov (1972) e da leitura de outros trabalhos sobre palatalização, como os de Bisol (1985), Hora (1990) e Pagotto (2004). Dessa forma, foi selecionada como variável dependente o próprio fenômeno da palatalização, podendo ser detectadas duas realizações: a dental ou alveolar [t, d] e a africada ([tʃ] ou [dʒ]). Quanto às variáveis independentes, foram divididas em dois grupos: as variáveis sociais e as variáveis estruturais. As variáveis sociais controladas foram: sexo (masculino e feminino), anos de escolarização (nenhum ano, de 5 a 8 anos e mais de 11 anos) e faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 49 anos).

As hipóteses levantadas em relação às variáveis sociais assim foram delineadas: (a) em relação ao sexo, acredita-se que falantes do sexo masculino aplicam mais a regra de palatalização do que os do sexo feminino, visto acreditar-se ser ela de menor prestígio na comunidade; (b) falantes com mais escolaridade devem aplicar menos a regra, e a justificativa para isso é a mesma utilizada para o sexo, ou seja, acredita-se ser a palatalização das oclusivas dentais nesse contexto utilizada entre menos escolarizados; (c) em relação à faixa etária, acredita-se que a aplicação da regra seja mais produtiva entre os mais idosos, menos escolarizados e do sexo masculino.

Quanto às variáveis linguísticas, foram controlados: contexto fonológico precedente (consoante coronal palatal, vogais ou líquidas ou consoantes nasais, glide em coda precedente e silêncio ou pausa), número de sílabas (monossílabo, dissílabo e trissílabo ou polissílabo), categoria gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, preposição e outros) e tipo de consoante (oclusiva dental surda e sonora).

3.3 Método de análise

Após o levantamento das ocorrências e a codificação de cada uma de acordo com as variáveis apontadas, os dados foram processados com o auxílio do programa computacional Goldvarb 3.0³. Este aplicativo da Macintosh executa análises de regras variáveis e manipula os dados, possibilitando um tratamento estatístico eficiente da ocorrência do fenômeno e a influência de cada uma das variáveis nesse processo. Tendo em vista que o tratamento da variável foi de caráter binário, peso relativo acima de 0.50 favorece a aplicação da regra de palatalização e abaixo de 0.50 inibe-a. Neutro será o resultado igual a 0.50.

4 Análise dos Dados: o comportamento sociolinguístico da variável palatalizada

Do total de 1.719 contextos analisados, 631 favoreceram a regra da palatalização, perfazendo um percentual de 35,8%. Os fatores apontados pelo programa como relevantes foram: sexo, anos de escolarização, contextos fonológicos seguinte e precedente e tonicidade. O Gráfico 1 ilustra a distribuição das ocorrências. Na sequência, serão analisados os fatores selecionados.



Gráfico 1 – Distribuição da assimilação progressiva na comunidade de Itabaiana

³ Disponível em: <<http://migre.me/qG0wS>>.

4.1 Sexo

Visto que há um amplo conjunto da literatura indicando que homens e mulheres diferem em seu uso da língua, e que vários pesquisadores documentam essas diferenciações, entende-se ser importante para o estudo a seleção dessa variável. A hipótese inicial era a de que as mulheres evitariam a aplicação da regra de palatalização, o que acabou se confirmando. Obviamente, essa variável, isoladamente, pode não dizer muito, mas será necessário associá-la a outra, por exemplo, anos de escolarização.

Vale uma ressalva: nessa pesquisa não se considerou o gênero, a fim de se chegar a uma conclusão a respeito da *persona* dos informantes, pois gênero é um construto social, não algo que se defina biologicamente, como é o caso do sexo. A Tabela 1 reúne os resultados obtidos.

Tabela 1 – Variável sexo

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Masculino	392 /998	39.3	0.53
Feminino	239/721	33.1	0.45
Imput 0.358			Significância= 0.027

De acordo com os resultados apresentados, o sexo masculino apresentou-se como favorecedor à regra, tendo como peso relativo 0.53. As mulheres, ao contrário, inibem a aplicação da regra (0.45). Caso se avalie que as mulheres, como indicam estudos realizados com outros processos, tendem a selecionar variantes de maior prestígio, pode-se intuir que a forma palatalizada é de menor prestígio, diferentemente do que acontece com a assimilação regressiva.

4.2 Anos de escolarização

Das variáveis sociais, anos de escolarização foi a segunda selecionada. A Tabela 2 ilustra os resultados obtidos.

Tabela 2 – Anos de escolarização

	Apl./Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	74/123	64.2	0.76
5 a 8 anos	405/1000	40.5	0.54
+ de 11 anos	160/620	25.8	0.37
Imput 0.358			Significância= 0.027

Considerando que se espera ter nos falantes com mais anos de escolarização o uso de formas consideradas mais cultas, a hipótese inicial era de que falantes com mais escolaridade aplicariam menos a regra.

O que os resultados levam a crer é que falantes que se situam no intervalo entre nenhum ano de escolarização e quatro anos são os que mais palatalizaram em contextos de assimilação progressiva, com peso relativo 0.76. Como se pode observar, um índice bem elevado. De forma proporcional, a aplicação da regra vai diminuindo à medida que aumentam os anos de escolarização. De sorte que, entre falantes com mais de 11 anos de escolarização, aqueles, portanto, com nível superior, são os que menos a aplicam, com peso relativo 0.37.

Esse resultado relativo aos anos de escolarização sinaliza que a forma não palatalizada deve gozar de maior prestígio, o que pode justificar o resultado de não favorecimento por falantes do sexo feminino.

4.3 Contexto fonológico seguinte

O contexto fonológico seguinte, dos fatores estruturais, foi o selecionado como mais significativo para aplicação da regra, tendo a vogal alta posterior como principal gatilho com peso relativo de 0.52. A vogal central baixa apresentou-se como inibidora da aplicação, com peso relativo de 0.41. Na Tabela 3, encontram-se os resultados.

Tabela 3 – Contexto fonológico seguinte

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Vogal posterior alta	493/1281	38.5	0.52
Vogal baixa	138/438	31.5	0.41
Imput 0.358			Significância= 0.027

Dessa forma, a aplicação da regra de palatalização em itens como “coitado” é menos provável do que em itens como “jeito” e “muito”. Isso não significa, entretanto, que o traço de altura da vogal posterior [+alt] seja o gatilho para a aplicação da regra, como se verá quando se falar do contexto fonológico precedente.

4.4 Contexto fonológico precedente

O contexto fonológico precedente também foi apontado como variável relevante para o processo. Esse grupo de fatores controlou como gatilhos para a aplicação da regra: monotongos, consoantes e ditongos. A Tabela 4 traz os resultados.

Tabela 4 – Contexto fonológico precedente

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Monotongo	63/126	50.0	0.60
Consoante coronal palatal	278/793	35.1	0.54
Glide em coda precedente	290/800	36.2	0.44
Imput 0.358			Significância= 0.027

Como se pode verificar, a forma monotongada que precede a consoante oclusiva dental é a que mais favorece a aplicação da regra. Itens como “jeito, oito, muito” tendem a realizar-se como “j[etʃ]o, [otʃ]o, m[utʃ]o”

graças à monotongação dos ditongos que antecedem o [t]. Uma explicação fonológica para tal fato é que, ao reduzir-se o ditongo, o glide se espraia para a oclusiva dental, tornando palato-alveolar a consoante alveolar.

Das consoantes que podem funcionar como gatilho para aplicação da regra, a única possível é a fricativa coronal [ʃ], como em “gosto”, “posto”, por exemplo. No dialeto de Itabaiana, esse [s] é quase sempre palatalizado quando a consoante seguinte é uma oclusiva dental/alveolar. Em vez de o contexto impedir as duas palato-alveolares juntas, o que é postulado pelo Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), o que acontece é a violação do Princípio e consequente aplicação da regra de assimilação progressiva.

Desse grupo de fatores, o que mais inibe a aplicação da regra é a manutenção do ditongo, ou seja, a presença do glide, com peso relativo de 0.44. Assim, se os itens “oito, jeito, muito” não se monotongam, eles não são prováveis candidatos a sofrerem a aplicação da regra.

4.5 Tonicidade

A última variável linguística apontada pelo programa como condicionadora foi a tonicidade. Os resultados para esse tipo de assimilação vai na direção oposta ao que Bisol (1985) encontrou para a palatalização das oclusivas dentais/alveolares nos Rio Grande do Sul. A Tabela 5 reúne os resultados obtidos.

Tabela 5 – Tonicidade

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Postônica	512/1304	39.3	0.53
Pretônica	38/119	31.9	0.42
Tônica	81/296	27.4	0.38
Imput 0.358			Significância= 0.027

Se na assimilação regressiva, a ordem de ranqueamento para aplicação vai da tônica para a postônica, no caso da palatalização resultante da

assimilação regressiva, o ranqueamento vai da postônica para a tônica, sendo a postônica a mais favorecedora (0.53) e a tônica como a menos favorecedora (0.38). Também inibidora de aplicação da regra é a posição pretônica (0.42).

A aplicação da regra em itens como “jeito” e “prefeito”, em que a consoante alvo está na sílaba postônica é mais produtiva do que em itens como “leitura” e “deitado”.

4.6 Cruzamento entre as variáveis sexo e anos de escolarização

Os resultados obtidos em relação ao sexo indicam homens favorecendo à aplicação da regra mais do que as mulheres. Entende-se que seja importante um conhecimento mais específico desses falantes quanto aos anos de escolarização, o que poderá levar a se avaliar se a forma palatalizada goza de mais ou menos prestígio na comunidade, entendendo-se que prestígio mais alto será atribuído àqueles que têm mais anos de escolarização. Os dados da Tabela 6 podem dar as respostas necessárias.

Tabela 6 – Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade

Sexo/Escolaridade	%	Peso Relativo
Masculino/ 0 a 4 anos	66.7	0.81
Masculino/ 5 a 8 anos	50.5	0.64
Masculino/ + de 11 anos	21.0	0.32
Feminino/ 0 a 4 anos	54.2	0.63
Feminino/ 5 a 8 anos	31.8	0.44
Feminino/ + de 11 anos	37.1	0.32
Imput 0.358		Significância= 0.027

O cruzamento entre sexo e escolaridade traz resultados bastante interessantes. Já se tinha observado que eram os homens os maiores favorecedores da regra de palatalização. Este cruzamento indica que este homem tem entre nenhum e quatro anos de escolarização. O cruzamento

possibilita afirmar que a forma palatalizada é de menor prestígio pelo fato de, também entre as mulheres, ter resultados mais altos entre as de baixa escolaridade (0.63) contra 0.32 para as mais escolarizadas.

De forma bastante coerente, os resultados indicam que, à medida que se tem mais anos de escolarização, diminui-se a aplicação da regra.

5 Uma Avaliação Acústica do Processo de Assimilação Progressiva

Para ilustrar o processo de assimilação progressiva envolvendo as oclusivas dentais, uma avaliação acústica foi realizada e o dado utilizado foi o item “oito” em suas duas realizações: [oj.tu] ~ [o.tʃu].

As análises acústicas têm se mostrado como um eficiente instrumento para a descrição e análise fonológica. Ao lidar com os aspectos acústicos, como amplitude, duração, frequência fundamental e conteúdo espectral da onda sonora (VIEIRA, 2004), podem ser oferecidas pistas sobre como os processos fonológicos – dentre os quais o espriamento e assimilação de traços – acontecem por meio da observação dos rastros fonéticos captados pelo oscilograma e espectrograma.

A seguir, podem-se observar duas fotografias acústicas resultantes do uso do programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2006). Os itens foram extraídos de dois fragmentos da entrevista realizada com o informante A.C.S.: numa, o informante produz o *output* [oj.tu] (Figura 1), e na outra, [o.tʃu] (Figura 2).

Na Figura 1, pode-se observar a realização da oclusiva dental [t], que pode ser caracterizada, do ponto de vista articulatório, por três fases. A primeira envolve os articuladores na oclusão do trato vocal. A segunda é associada a um mínimo de energia acústica, devido ao fato de o trato vocal estar fechado. A terceira envolve a soltura dos articuladores, com uma explosão de energia acústica quando o ar escapa. Percebe-se esse momento no espectrograma pela barra de plosão, indicada na Figura 1.

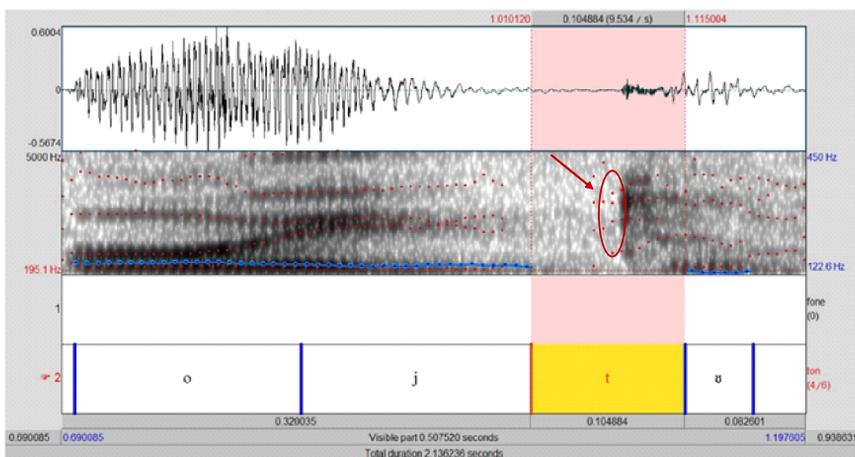


Figura 1 – Oscilograma e espectrograma da produção da palavra “oito” com a oclusiva dental [t] pelo informante A.C.S.

Na Figura 2, pode-se observar a realização da africada [tʃ], que envolve uma sequência de dois movimentos dos articuladores. Como as oclusivas dentais, as africadas apresentam a completa obstrução do trato vocal. Como as fricativas, elas também apresentam uma fase de soltura do ar por meio de uma constrição do trato, causando um ruído turbulento. No espectrograma em 2, pode-se identificar a barra de plosão e o ruído produzido pela fricção do trato vocal no momento da produção da africada. Além disso, também se pode observar que a extensão do segmento anterior, o glide anterior, é sensivelmente menor que a extensão do mesmo segmento no espectrograma em 1.

A presença sutil do glide na realização da palato-alveolar, na Figura 2, ratifica a ideia de seu espriamento em relação à consoante alvo, desencadeando a assimilação progressiva.

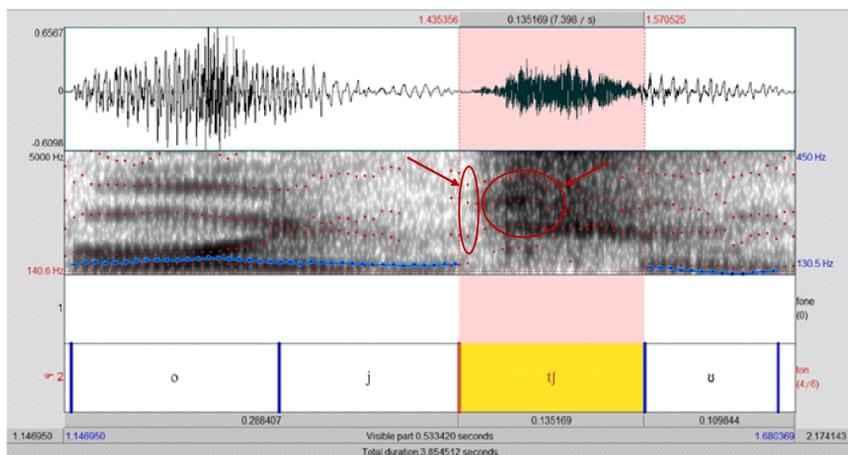


Figura 2 – Oscilograma e espectrograma da produção da palavra “oito” com a africada [tʃ] pelo informante A.C.S.

Considerações Finais

As consoantes oclusivas dentais, no PB, servem de alvo para dois processos: um envolvendo a assimilação regressiva; outro envolvendo a assimilação progressiva. O primeiro, bastante comum e presente em todas as regiões brasileiras, tem como desencadeador da palatalização a vogal alta anterior ou uma vogal média anterior que se eleva quando subsequente às oclusivas dentais/alveolares.

No caso da assimilação progressiva, o gatilho para a palatalização, na comunidade estudada, não é a vogal subsequente, uma vez que estando ela presente o processo é inibido, a exemplo de “noite”, cujo uso é “noi[tʃ]”. Para a regra ser aplicada, o que importa é a presença do glide no ditongo em contexto precedente, que, ao monotongar-se, desencadeia o processo de palatalização. Vale enfatizar que isso só acontece se a vogal subsequente à oclusiva for posterior ou baixa, como em “jeito”, “coitado”. Também favorece a aplicação da regra a presença, no contexto precedente, de uma consoante fricativa, na comunidade, sempre palato-alveolar, como em “go[ʃt]o ~ go[ʃtʃ]o”.

O que os dados mostram, também, é que a aplicação da regra está condicionada aos anos de escolarização e ao sexo. Ela é mais produtiva entre menos escolarizados e entre falantes do sexo masculino e do sexo feminino. Com isso, talvez seja possível intuir que seu uso é estigmatizado.

Os resultados obtidos quanto às variáveis sociais ratificam as hipóteses levantadas, atribuindo a falantes do sexo masculino e com menos anos de escolarização a aplicação da regra. Quanto à faixa etária, como a variável não foi selecionada, não se teve como refutar ou confirmar a hipótese levantada.

Em vista dos resultados sociais, cabe a pergunta: estigmatizados não seriam os falantes que dela fazem uso?

Comparando os dois processos em relação à tonicidade, grupo de fator controlado tanto por Bisol (1985) e Hora (1990) como por este estudo, vê-se que há uma inversão no ranqueamento dos fatores. Enquanto na assimilação regressiva a ordem é tônica – pretônica – postônica, para a assimilação progressiva a ordem é postônica – pretônica – tônica. Essa constatação merece aprofundamento em estudo mais teórico, envolvendo a fonologia.

Por fim, vale salientar que a assimilação regressiva envolvendo as oclusivas dentais/alveolares é um processo mais geral, presente, inclusive, em outras línguas do mundo, enquanto a progressiva se apresenta como específica de alguns falares do PB.

Referências

ALMEIDA, M. A. B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilingüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 1-29, ago. 2007.

- BISOL, L. *A palatalização e sua restrição variável*. 1985. Memo.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* (Version 4.5.01) [Computer program]. 30 out. 2006. Disponível em: <<http://www.praat.org>>.
- CÂMARA JR., J. M. *História da Lingüística*. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 332-335, 1974.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- DUTRA, E. O. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, n. 14, p. 47-56, 1958.
- HORA, D. da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. *Sociolinguistic pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese* (Cariocan dialect). 1979. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles.
- MACEDO, S. S. de. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PAGOTTO, E. G. *Variação e(é) identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAULA, A. T. de. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngües de Taquara e de Panambi, RJ: análise quantitativa*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PROJETO VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA. Disponível em: <projetoalpb.com.br>.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/qG0wS>>. Acesso em: 15 set. 2014.

VIEIRA, M. N. *Acústica – princípios da produção e análise da voz*. ICEX/UFMG, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188.

WOLFRAM, W. *Sociolinguistic aspects of assimilation*. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1974.

WOLFRAM, W.; FASOLD, R. *The study of social dialects in American English*. New York: Prentice-Hall, 1974.

Recebido em: 30/10/2014

Aceito: 21/03/2015